

**A visão admirável e prodigiosa: o elogio a
São Francisco Xavier e à Companhia de Jesus
em *Sermão Primeiro. Anjo*, panegírico
de Padre Antônio Vieira**

**The admirable and prodigious vision: the praise of
St. Francis Xavier and the Society of Jesus in *First Sermon. Angel*,
panegyric of Father Antônio Vieira**

Marcus De Martini¹
Dario T. de Almeida Filho²

RESUMO

O objetivo deste ensaio é evidenciar algumas técnicas retóricas utilizadas pelo Padre Antônio Vieira, sobretudo no que diz respeito à disposição, em *Sermão Primeiro. Anjo*, panegírico pertencente à série consagrada a São Francisco Xavier (1694). Em um primeiro movimento, Vieira opõe, por meio de uma leitura figural de duas passagens do *Apocalipse* de João, Lutero/Calvino e Inácio/Xavier/Companhia de Jesus, prefigurados no *Apocalipse*. Em um segundo movimento, exemplifica, com as obras de Xavier, seu sucesso missionário, censurando e exortando os cristãos a seguirem seu exemplo. Conclui-se que o panegírico a Xavier, mais do que mera adulação, revela uma intenção persuasiva (*voluntas*) do orador de elogiar a própria Companhia de Jesus e seu trabalho apostólico.

Palavras-chave: Técnicas retóricas. Companhia de Jesus. Padre Antônio Vieira. São Francisco Xavier. Sermão Primeiro.

ABSTRACT

The objective of this essay is to highlight some rhetorical techniques used by Father Antonio Vieira, especially regarding the disposition, in *First Sermon. Angel*, panegyric referring to the series consecrated to St. Francis Xavier (1694). First, Vieira oppose, through the figural reading of two passages from the *Apocalypse* of John, Luther / Calvin to Ignatius / Xavier / Society of Jesus, prefigured in the *Apocalypse*. In a second movement, Vieira exemplify the missionary success of Xavier, censoring and exhorting the Christians to follow his example. It is concluded that the panegyric to Xavier, more than mere adulation, reveals a persuasive intention (*voluntas*) of the orator to praise the Society of Jesus and his apostolic work.

Keywords: Rhetorical techniques. Company of Jesus. Father Antônio Vieira. St. Francis Xavier. First Sermon. Angel.

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marcusdemartini@gmail.com

² Bacharelado em Letras – Português e Literaturas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: dt-af@hotmail.com

Este ensaio é uma reconstrução parcial das técnicas retóricas empregadas pelo Padre Antônio Vieira (1608-1697) em *Sonho Primeiro. Anjo*, sermão panegírico em que se elogia São Francisco Xavier (1506-1552), único fundador da Companhia de Jesus a apostolar além-Europa. Também pode ser lido como exercício analítico em que as partes do discurso examinado são decompostas a fim de evidenciar sua disposição interna (a ordenação discursiva) e sua articulação com a intenção persuasiva (*voluntas*) do orador, a disposição externa.

Na instituição retórica, vigente até meados do século XVIII, as práticas letradas eram estruturalmente organizadas a partir dum conjunto de regras formais previamente estabelecido. Como observa Heinrich Lausberg (2004, p. 75, grifo nosso), as formas linguísticas e retóricas funcionavam como “*recipiente[s]* de um conteúdo que é relevante conforme a situação”. O entendimento das formas como “*recipientes*” de um conteúdo indeterminado evidencia a maleabilidade de suas aplicações; quer dizer, as técnicas retóricas dizem respeito não àquilo de que se quer persuadir, mas àquilo que, formalmente, propicia uma ordenação discursiva bem-sucedida com vistas à persuasão – cujas preceitos, diga-se, não são estanques, sendo desenvolvidas por meio de tratados inúmeros, muitas vezes discordantes entre si.

Conforme seu primeiro sistematizador, Aristóteles (*Retórica*, I, 2, 1355b), a “[...] retórica [é] a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”. Para a consecução desse propósito, o discurso dependeria de três elementos: orador, assunto e ouvinte, sendo este o fim mesmo do discurso. O ouvinte poderia ser dividido em: espectador, aquele que se pronuncia sobre o talento do orador; e juiz, aquele que, quando juiz, infere sobre o passado e, quando membro da assembleia, infere sobre o futuro. A partir dessas observações, Aristóteles propõe a existência de três gêneros discursivos: deliberativo, cujo tempo tratado é o futuro e o meio é ou o conselho ou a

dissuasão; judicial, voltado para o passado ora por meio duma acusação, ora por meio duma defesa; e epidíctico, no presente, instaurando uma situação de elogio ou de censura.

Após Aristóteles, autores latinos, como Cícero (106 – 43 a.C.) e Quintiliano (35 – 95), contribuíram para pensar as técnicas retóricas, ainda que bem assentes em Aristóteles; significativa é a noção, introduzida por Quintiliano (*Instituição oratória*, XII, 1, 1) e haurida de Catão, o Velho (234 – 149 a.C.), de *vir bonus dicendi peritus*, homem bom, perito na arte de falar. Para Quintiliano (*Instituição oratória*, XII, 1, 3), a condição do *vir bonus* para o bom orador não é circunstancial, mas indispensável: “o futuro orador não pode ser senão um homem bom”. Desse modo, as técnicas retóricas assumem um caráter ético estranho à retórica aristotélica. Com a ascensão do cristianismo, esse caráter ético, posto que imbuído de valores distintos, com o qual as técnicas retóricas haviam sido revestidas será útil para a pregação da Palavra, posto que sob outra significação: com Santo Agostinho (354 – 430), o *vir bonus dicendi peritus* torna-se *vir christianus dicendi peritus*. A utilidade das técnicas retóricas engendradas no mundo greco-latino será defendida, por Santo Agostinho (*A doutrina cristã*, IV, 2, 3), para fins catequéticos, apesar da resistência aos autores pagãos entre muitos Pais da Igreja:

É um fato, que pela arte da retórica é possível persuadir o que é verdadeiro com o que é falso. Quem ousará, pois, afirmar que a verdade deve enfrentar a mentira com defensores desarmados? Seria assim? Então, esses oradores, que se esforçam para persuadir o erro, saberiam desde o proêmio conquistar o auditório e torná-lo benévolo e dócil, ao passo que os defensores da verdade não o conseguiriam?

No contexto duma arte retórica solidamente cristianizada, a abordagem humanista da Companhia de Jesus, da qual Vieira participa, foi inovadora, desde sua fundação, em 1540. John O'Malley (2004) cita, entre algumas dessas

inovações, a adaptação do processo de conversão ao povo em questão, incluindo aí certa flexibilização quanto aos costumes gentílicos e quanto ao uso da língua local no ato da pregação. Além disso, Jerónimo Nadal (1507–1580), nome de vulto nos primeiros anos da Companhia, recomendava que não se pregasse conforme as *Artes Praedicandi* dos escolásticos medievais, estilo julgado por ele como “especulativo e seco” (O’MALLEY, 2004, p. 158). Tais procedimentos, além doutros, foram reunidos, em 1599, num regime escolar denominado *Ratio Studiorum*, tornado documento padrão do ensino jesuítico, contendo planos de estudo, códigos e regulamentos da ordem.

Dentre as práticas discursivas da oratória sacra, o panegírico, por sua natureza laudatória, foi uma das mais praticadas e apreciadas. Associado, inicialmente, a Isócrates, cujo *Panegírico de Atenas*, supostamente lido nas festas olímpicas de 384 a. C., exortava os atenienses a se unirem contra o inimigo persa, foi-se, com o passar dos séculos, transmutando-se de acordo com a significação adquirida pelo elogio em dada sociedade. Do louvor à *polis* grega, passou-se aos imperadores romanos e, finalmente, no contexto da oratória sacra, aos santos.

Exemplo de panegírico sacro é *Sonho Primeiro. Anjo*, de Padre Antônio Vieira. Publicado, sem jamais ter sido pregado, em 1694, compõe, junto a outros quatorze panegíricos consagrados a São Francisco Xavier, “um verdadeiro livro de oratória sobre S. Francisco Xavier” (MENDES, 2003, p. 243). O conjunto de três orações e de doze sermões (assim os denomina seu autor), divididos em duas partes denominadas “Xavier Dormindo” e “Xavier Acordado”, compõe integralmente o oitavo tomo dos *Sermoens* (1679-1748)³. Segundo consta da

³ As três orações formam a primeira parte, “Xavier Dormindo”: *Sonho Primeiro, Sonho Segundo, Sonho Terceiro*. Os doze sermões compõem “Xavier Acordado”: *Sonho Primeiro. Anjo, Sermão Segundo. Nada. Sermão Terceiro. Confiança, Sermão Quarto. Pretendentes. Sermão Quinto. Jogo. Sermão Sexto. Assegurador. Sermão Sétimo. Doudices. Sermão Oitavo. Finezas. Sermão Nono. Braço. Sermão Décimo. Da sua Canonização. Sermão Undécimo. Do seu Dia. Sermão Duodécimo. Da sua Proteção*.

“Noticia Previa” desse tomo (VIEIRA, 1694), os panegíricos haviam sido em parte esboçado há quarenta anos, finalmente vindo a lume a pedido de ilustre devota do santo, D.^a Maria Sofia de Neuburgo (1666-1699), segunda esposa do rei D. Pedro II (1648-1706).

Cumprido salientar que Xavier era incontestemente modelo para os jesuítas: sua ação missionária nas Índias Orientais impressionava seus contemporâneos europeus, manifestando a experiência da alteridade como talvez nunca vista antes no Ocidente, sobretudo por meio das missivas enviadas à Europa em que relatava a dificuldade e o exotismo de suas missões, “[criando] para ele uma imagem popular de *missionário protótipo*, zeloso e irrefletido” (O’MALLEY, p. 55, 2004, grifo nosso). Nelson Veríssimo (2015, p. 10, grifo nosso) sugere que Vieira, nesses sermões, poderia estar “de certa forma, apresentando-o [Xavier] como *exemplo maior da evangelização de além mar*, com atitudes corajosas que se aplicavam a todo o Império”; adiante, acrescenta: “Para Vieira, Francisco Xavier demonstrara virtudes inigualáveis e praticara ações exemplares únicas, constituindo, para si, não só um modelo de pregador e de santidade, senão o maior de todos os santos” (VERÍSSIMO, 2015, p. 14).

Quanto à sua elaboração, *Sermão Primeiro. Anjo* é resultado da articulação de três partes não autônomas⁴ comuns a todo discurso produzido na instituição retórica: a invenção, a disposição e a elocução. A primeira é um exercício da memória por meio do qual o autor do discurso recupera pensamentos (*res*) a fundamentarem os argumentos próprios à matéria tratada e à sua intenção persuasiva. A segunda é o modo pelo qual o orador planifica e ordena seus pensamentos, formulações linguísticas e formas artísticas. A terceira é a expressão linguística dos pensamentos e que, a partir da segunda metade do século XVIII, foi reduzida ao ornato. Por não ter sido pregado, como os demais

⁴ Para uma visão abrangente e esquemática das técnicas retóricas, cf. LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de Retórica Literária**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Neste ensaio, todas as referências às técnicas retóricas remetem a essa obra, exceto quando indicado.

sermões da série, não constam da sua elaboração duas partes decisivas para o bom juízo dos discursos em sociedades cuja circulação de discursos é sobretudo oral, como a do século XVII europeu: a memória, correspondente à memorização do discurso a ser proferido; e a pronúncia, concernente à enunciação mesma do discurso.

Analiticamente, optou-se pelo abandono de categorias anacrônicas, típicas do idealismo alemão, como o conceito de barroco, em favor de uma abordagem “arqueológica” dos pressupostos retórico-poéticos envolvidos na composição das letras do século XVII, na linha do que ensinam João Adolfo Hansen (2004)⁵, Alcir Pécora (2008)⁶, dentre outros. Em seu estudo acerca dos poemas satíricos atribuídos a Gregório de Matos, Hansen, em vez de lê-los apoiando-se em categorias anacrônicas, lida com a materialidade do texto situado em seu tempo. Isto é, trata de repor, por meio de uma ampla pesquisa em fontes primárias, as categorias que orientam a representação discursiva do século XVII. Ou, como define o autor: “o texto [d’*A sátira e o engenho*] reconstitui a primeira legibilidade normativa da sátira atribuída desde o século XVIII ao poeta seiscentista Gregório de Matos e Guerra” (HANSEN, 2004, p. 23). Posteriormente, Hansen (2001) elabora e estende suas reflexões às práticas letradas seiscentistas em geral. Nesse ensaio obrigatório, propõe que se abandone os usos “dedutivos, a-críticos, analógicos e transistóricos” (HANSEN, 2001, p. 14) do “barroco”, cuja noção, como estilo de época, é resultado de um entendimento teleológico da literatura que inscreve o “barroco” como “etapa para si mesmo”, como etapa de um projeto de cariz nacionalista. Em vez da perspectiva wöllfliana-neokantiana, Hansen (2001, p. 25) sugere um “trabalho de reconstrução arqueológica da particularidade da

⁵ Como tese de doutorado, foi defendida em 1988. A primeira edição foi publicada pela Companhia das Letras em 1989.

⁶ Como tese de doutorado, foi defendida em 1989. A primeira edição foi publicada pela Edusp em 1994.

representação colonial” que permita realocar as práticas letradas seiscentistas junto aos termos epocais que as circunscrevem, evitando, assim, leituras que se sirvam de categorias estranhas ao seu contexto sócio histórico.

A reconstrução arqueológica a que se refere Hansen (2001) implica, também, a reconstrução de procedimentos técnico-retóricos aplicados a discursos produzidos no âmbito da instituição retórica. No panegírico analisado, buscar-se-á relacionar tais procedimentos utilizados por Vieira com o conteúdo inserto, de natureza teológico-política própria de seu tempo. Para isso, será comentada, a seguir, a disposição interna do sermão, relacionando-a com sua disposição externa, correspondente a uma *voluntas* provável do orador.

A disposição do *Sonho Primeiro. Anjo*

Como de costume, Vieira divide seu sermão em etapas. Observando-se a disposição interna ao discurso, pode-se classificar as oito partes do *Sonho Primeiro. Anjo* da seguinte maneira: I. exórdio/primeira narração, em que se apresenta a passagem do *Apocalipse* a ser comentada; II. primeira parte da confirmação da primeira narração, em que se demonstra que o Anjo do *Apocalipse* era Santo Inácio e a Companhia de Jesus; III. segunda parte da confirmação da primeira narração, na qual se argumenta que o Anjo do *Apocalipse* era Santo Inácio e, por extensão, São Francisco Xavier; IV. terceira parte da confirmação da primeira narração, em que se explica a que se referia os pés do Anjo do *Apocalipse*; V. digressão/segunda narração, que narra uma ação de Xavier e se explica o que era o livrinho do Anjo; VI. primeira parte da confirmação da segunda narração, em que se demonstra as razões para a eficácia do livrinho de Xavier; VII. segunda parte da confirmação da segunda narração, em que são contadas as obras de Xavier em terra e em mar: o menino cristão e o menino mouro; VIII. peroração, em que se exorta os senhores a

responsabilizarem-se pelo ensino da doutrina cristã às suas filhas e aos seus escravos.

Dentre os quinze panegíricos, *Sermão Primeiro. Anjo* cumpre papel introdutório ao grupo “Xavier acordado”, de modo que a interpretação alegórica efetuada por Vieira possui maior relevo do que a narração das obras do santo, melhor explorada nos demais sermões. É particularmente importante para Vieira ver em Xavier a posfiguração do *Apocalipse* de João, pois o que fundamenta a própria série laudatória é o papel histórico de ungido por Deus assumido por Xavier (e, por extensão, pela própria Companhia de Jesus) para combater o calvinismo e o luteranismo. Também não se pode esquecer que a série foi escrita a pedido da Rainha e, portanto, é oportuno para Vieira defender junto à Corte a função exercida pela Companhia.

A visão horrenda e temerosa: quem era a Estrela do *Apocalipse*?

O curto exórdio desse sermão distingue-se, em parte, do que se costuma encontrar nessa parte dos discursos; por se tratar já do quarto panegírico do conjunto, o exórdio, aqui, funciona menos como *captatio benevolentiae*, captação da benevolência, do que como narração da questão a ser tratada. O essencial é o emprego de Vieira da chamada “alegoria dos teólogos”, definida por Hansen (2006, p. 91) como “uma técnica de interpretação que decifra significações tidas como verdades sagradas em coisas, homens, ações e eventos das Escrituras”. Isso pode ser detectado nas seguintes passagens do *Apocalipse*:

Vi que caía do Céu uma Estrela, a qual tinha as chaves do poço dos abismos, que é o inferno, para o poder abrir; que daquele poço aberto saíram grandes nuvens de fumo espesso, e negro, que escureciam o Sol; e que de entre o mesmo fumo nasciam inumeráveis enxames ou exércitos de monstruosas, e horríveis figuras. Os corpos eram de cavalos armados para a guerra, os

dentes de Leões, as caudas de escorpiões, os rostos de homens, os cabelos de mulheres, e sobre as cabeças coroas como de ouro; sobretudo, se sendo gafanhotos não talavam os campos, nem se sustentavam das ervas, e das plantas; mas toda a sua fome, e veneno empregavam em atormentar os homens com tais dores, que eles desejavam a morte, e a morte fugia deles [Ap 9, 1-21] (VIEIRA, 2015, p. 128-129).

E vi outro Anjo a descer do Céu, envolto em uma nuvem, com a Íris na sua cabeça, a sua face como o sol e o seus pés como colunas de fogo, e tinha na sua mão um pequeno livro aberto. E pôs o seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra [Ap 10, 2] (VIEIRA, 2015, p. 128).

Estabelecendo um par opositivo entre essas passagens (a primeira, “visão horrenda, e temerosa”; a segunda, “admirável, e prodigiosa”), Vieira (2015, p. 129) nota que a primeira foi comumente associada às heresias pelos expositores antigos, mas, que com a “experiência dos tempos, e da ordem, e consequência da mesma história do *Apocalipse*”, entendeu-se que as heresias profetizadas por João reportavam precisamente ao luteranismo e ao calvinismo, sendo a Estrela caída referência aos chamados Heresiarcas, Calvino e/ou Lutero. Como parece evidente, Vieira lê a passagem do *Apocalipse* como profecia que revela Xavier. Importa enfatizar que é a leitura alegórica da Escritura realizada por Vieira que atualiza a Escritura na História do mundo. Além dessa alegoria que funda todo o panegírico, Vieira, ao longo do sermão, frequentemente recorrerá a interpretações particulares da Escritura em sua argumentação.

A visão admirável e prodigiosa: quem era o Anjo do *Apocalipse*?

Na segunda parte, Vieira detém-se na interpretação da segunda passagem colhida do *Apocalipse* de João. A primeira confirmação, como se disse, é articulada em três movimentos: no primeiro, Vieira estabelece, como na leitura alegórica da Estrela caída, uma interpretação geral e uma particular. Na

geral, comenta que o Anjo referia-se a todos os Doutores e católicos que, ao longo da história, defenderam a fé católica das insurgências heréticas acometidas pela Igreja de Cristo e menciona diversos santos que cumpriram essa função: Santo Antanásio contra Ário; Santo Agostinho contra Pelágio; São Gregório contra Eutiques; São Cirilo contra Nestório; São Domingos e São Francisco contra os Albigenses. Na particular, propõe a referência a Santo Inácio e à Companhia de Jesus. Elocutivamente, sobressai, bem ao sabor da Igreja Militante⁷, o campo semântico beligerante que recobre esses santos: os “valentes defensores da Fé Católica” (VIEIRA, 2015, p. 130), “Capitães da Fé Católica” (VIEIRA, 2015, p. 130), e seus “bramido[s] de Leão” (VIEIRA, 2015, p. 130). Embora, como ensina O’Malley (2004), seja errôneo vincular a fundação da Companhia de Jesus à Reforma Protestante, não se deve subestimar a importância da cisão na autoimagem jesuítica. Aqui, há um claro exemplo de como Vieira (2015, p. 130) vê o papel histórico da Companhia diante do avanço calvinista e luterano: “contra elas [as heresias iniciadas no século XVI] afirma a mesma Igreja, e manda ler em todos os coros, que o Capitão que Deus levantou foi Santo Inácio, e a sua Companhia”.

Na terceira parte do sermão, tem-se o segundo movimento da confirmação: o Anjo do *Apocalipse* é a representação consubstanciada de Santo Inácio, analogamente o Pai, e São Francisco Xavier, o Filho. Havia, segundo Vieira, uma união entre as *Constituições* de Santo Inácio e as instruções de Xavier, dois documentos básicos da doutrina jesuíta. Publicadas em versão definitiva em 1558-59, as *Constituições* “articulavam os princípios gerais segundo os quais a Companhia esperava alcançar suas metas e traduziam as

⁷ De acordo com a eclesiologia católica, a Igreja é constituída por três estados: Igreja Militante; Igreja Penitente e Igreja Triunfante. Tal divisão diz respeito às distintas relações estabelecidas entre a Igreja e seus membros. A primeira refere-se aos discípulos em terra; a segunda, aos que estão no purgatório; o último estado, por sua vez, remete àqueles que gozam a Bem-Aventura junto a Deus. Cf. *Lumen Gentium*, 49.

generalidades da *Fórmula* para estruturas e procedimentos concretos” (O’MALLEY, 2004, p. 24); as instruções de Xavier, por sua vez, referem-se aos catecismos escritos pelo santo durante sua missão apostólica no Oriente, nos quais estavam incluídos “versos, canções, diálogos e ‘lições’ [utilizados] conforme a ocasião lhe parecia sugerir” (O’MALLEY, 2004, p. 187).

Mesmo sem nenhuma comunicação, surpreende o propósito especular dum e doutro, Inácio e Xavier. Por trás dessa consubstanciação misteriosa, haveria uma razão de estado da Providência Divina: enquanto a Igreja perde fiéis na Europa, Xavier repõe essa perda com a conversão dos Gentios no Oriente. Nessa união, Santo Inácio seria o defensor da Igreja na guerra contra os hereges, enquanto Xavier seria, por meio da conversão dos gentios do Oriente, o restaurador das suas ruínas. É interessante observar como Vieira articula funções distintas para os membros fundadores da Companhia de Jesus, ressaltando, como ainda se verá, o missionário Xavier. Nisso fica patente a leitura de Vieira do Oriente e, por extensão, do Novo Mundo: o futuro da Igreja está nesses mundos a serem desbravados. Além disso, Vieira, referindo à rebelião dos anjos comandados por Lúcifer narrada no *Apocalipse* [12, 7-9], estabelece uma analogia entre a guerra e a ruína enfrentadas pela Igreja Triunfante⁸ e pela Igreja Militante: designados para a resistência da guerra, Arcanjo São Miguel estaria para Santo Inácio assim como Cristo estaria para Xavier, responsáveis pela restauração da ruína. A seguir, Vieira desenvolve uma comparação muito aguda a partir de um trecho do *Cântico dos Cânticos*: “Bela como a lua, eleita como o sol, temível como um exército em ordem de batalha” (VIEIRA, 2015, p. 134): seria Santo Inácio o sol, fonte da luz imaculada, enquanto Xavier seria a lua, que, entre fases crescentes e minguantes, quando aparece diminuída de um parte, logo se vê crescida da outra. Finalmente, citando Isaías, Vieira nomeia as nações apóstatas europeias (Inglaterra, Escócia,

⁸ Cf. nota 2.

Holanda, Dinamarca, Suécia etc.) e aqueles lugares de onde viriam os novos fiéis. Exaltando Xavier e o sucesso de suas missões apostólicas, Vieira (2015, p. 136) afirmará, citando Tomás Bosco, que “todos os Heresiarcas em mil e quinhentos anos não roubaram tantas Almas fiéis à Igreja, quantas Xavier em dez anos lhe adquiriu de Gentios”.

Na quarta parte do sermão, há o terceiro movimento da confirmação: Antônio Vieira distingue os meios e modos com que Inácio defendeu a Europa dos hereges dos empregados por Xavier na restauração das ruínas da Igreja. Vieira fixa duas diferenças, uma relacionada às mãos e outra relacionada aos pés: a primeira é que os jesuítas que combateram os hereges na Europa (“Capitães de Santo Inácio”) (VIEIRA, 2015, p. 137) tinham como armas seus extensos livros (“alguns houve que assaram de vinte, e trinta grandes tomos, que mais parece escreveram livrarias, que livros”) (VIEIRA, 2015, p. 137), ao passo que Xavier, Anjo do *Apocalipse*, tinha não mais do que um livrinho em mãos; a segunda é que, enquanto Inácio combateu apenas em terra, Xavier também o fez em mar. Apesar de reconhecer os méritos dos jesuítas assentados na Europa, defende, fundamentalmente, a vocação missionária da Companhia. Diz, com conhecimento da causa: “Contudo não se pode negar ser a guerra de Xavier tanto mais heroica, quanto mais perigosa, pois na terra se combate com homens, e no mar com todos os elementos.” (VIEIRA, 2015, p. 138). Em seguida, Vieira confronta sua interpretação com a de intérpretes antigos sobre a causa de ter o Anjo do *Apocalipse* o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra. Afirma Vieira, em um verdadeiro desfile geográfico, que a razão deve-se ao percurso percorrido por Xavier de Lisboa até o Japão, sempre com o mar à direita do seu caminho.

Na quinta parte, digressão e segunda narração, Vieira finaliza a interpretação da figura do *Apocalipse*, isto é, do livrinho carregado pelo Anjo, e retoma o tema da novena consagrada a Xavier: duas obras do santo por sermão,

uma em terra outra em mar. Em passagem particularmente reveladora, Vieira distingue a sua novena das comuns, que, sob risco de tornarem-se tediosas, não poderiam narrar mais de um milagre. Apresentando uma prova ética (referente ao *ethos*, isto é, o grau mais suave de afetos por meio do qual o orador busca deleitar o ouvinte), censura os oradores das ditas “novenas comuns”. Apesar de ser uma prova afetiva geralmente posta no exórdio, Vieira recorre ao *ethos* apenas na quinta parte desse sermão. A escolha funciona, aqui, como uma digressão, que corresponde a um momento do discurso de relaxamento do ouvinte, a fim de, em seguida, retomar sua atenção. Vieira situa seu *ethos* em oposição ao dos oradores cujos discursos padecem da *mala affectatio*, má afetação, fruto da ausência discernimento (*iudicium*) na elocução, e que resultam na falta de uma das virtudes elocutivas indispensáveis para o bom discurso, a *perspicuitas*, clareza na expressão. Portanto, são discursos que se caracterizam pela expressão linguística carregada, despropositamente obscura, que compromete o fundamental do discurso: a persuasão. Diz Vieira (2015, p. 141):

São alguns Pregadores como os Sacristães da Aldeia, que no dia do Orago cobrem o Altar, e o retábulo de tantos ramalhetes, que não se vê o Santo. Eu, em quem as flores com a idade não só estão já murchas, mas secas, de tal maneira hei de pôr o Santo diante dos olhos, que ele visto seja o Pregador, e as suas ações, e maravilhas a pregação.

Além da censura aos pregadores que abusam dos “ramalhetes”, de modo a ressaltar em demasia os *tropi* acumulados em detrimento da clareza expressiva, obscurecendo a imagem mesma do santo, Vieira utiliza dois artifícios: o primeiro é o *topos* do *senex*, velho sábio, associando tal característica ao *iudicium* no uso elocutivo adequado; lugar-comum que, diga-se de passagem, corresponde à realidade de um Vieira com mais de oitenta anos na altura da composição do panegírico. O *senex*, nesse caso, é utilizado para se propor o caráter de um orador experimentado, cujo domínio perfeito da

proporção elocutiva permite evitar a desmedida no emprego dos *tropi* – o que tornaria o *ornatus* não uma *virtus*, mas um *vitium*. Evidencia-se, também, uma espécie de paradoxo proposital no discurso, pois Vieira afirma que o panegírico serve para que o pregador seja não o elogiador, mas o elogiado, Xavier, bem como a pregação seja a própria obra do santo. Porém, ao utilizar o *ethos* para defender sua capacidade de transmitir a “transparência” entre a ação do santo e a pintura dessa ação, Vieira acaba por ressaltar seu próprio panegírico. Que não se entenda, entretanto, a composição desse “retrato ao natural” de Xavier a uma espécie de “transparência” real, mas à capacidade do orador de artificialmente tornar natural seu discurso. Após a apresentação do *ethos*, Vieira prossegue a confirmação da tese, relacionando o livrinho do Anjo com o utilizado por Xavier em suas pregações. Então, Vieira (2015, p. 141) passa a caracterizar o caráter de Xavier; o santo colérico e belicoso da Igreja Militante dá lugar ao jesuíta da “roupeta preta, pobre, e grosseira (aonde as lãs de que usa o vulgo são sedas), só, a pé, e muitas vezes descalço, tangendo por sua própria mão uma campainha [...]”.

Na sexta seção, há a confirmação da segunda narração. O sucesso do trabalho missionário de Xavier, diz Vieira, é porque o santo “falava a todos a língua de todos” em suas “meias línguas”. Com a adaptabilidade jesuíta típica, Xavier pregava na língua dos locais. Além disso, e esse é um ponto decisivo na questão, o sucesso derivava da capacidade de adequação discursiva de Xavier. Nesse sentido, fica expresso uma questão patente da *ars bene dicendi*: “No Japão há uma língua baixa, de que só usa a gente vil, e de nenhum modo os nobres; e desta maneira ensinava o Santo a estes, falando-lhes na língua baixa, ou no baixo da língua: *Sub lingua tua*” (VIEIRA, 2015, p. 144).

Por terra, o que Xavier obrou em terra; por mar, o que obrou no mar

Na sétima parte, tem-se a narração das obras do santo por meio de *exempla*: uma em terra e outra em mar. Amplamente empregados em panegíricos e hagiografias, os *exempla* servem, como ensina Ernst Curtius (2013), para edificação moral: além da narração dos milagres de Xavier confirmarem, exemplificando, seu status santificado, o comportamento das personagens agraciadas por sua ação serve de *exemplum* para o fiel cristão, que, partícipe da Igreja Militante, deve empenhar-se na salvação da sua e das demais almas.

No primeiro *exemplum*, refere o caso de alguns criados que procuraram Xavier, enquanto pregava em Manapar, para socorrer um homem importante ao ser possuído por um demônio. Xavier entrega uma cruz a um dos meninos já convertidos para que levasse até o possuído, rezando o credo, o que expulsa o demônio do corpo do homem. No segundo, trata-se de um menino mouro. Estando Xavier em uma nau, viajando de Malaca para Sanchão, ocorre de um menino mouro, de cinco anos, ter caído ao mar. Ressuscitado o menino graças à intervenção de Xavier, seu pai e sua família convertem-se ao cristianismo. Indagando-se sobre as razões por que o mesmo não sucedia com os meninos na América, Vieira, lembrando do empenho dos missionários no negócio da salvação das almas, censura a ingratidão e indisciplina dos discípulos, comparando o respeito dispendido, na Índia, aos mestres religiosos.

A doutrina cristã nos Paços, nas praças, nos estrados, nas estradas

A oitava e última parte do panegírico é a peroração. A peroração, como o exórdio, é própria à invocação da captação da benevolência. Essa parte do discurso também contribui para revelar mais explicitamente a *voluntas* do orador, haja vista que, sendo a última, tende a se configurar como um

apelo final aos ouvintes para o *movere*. Vieira censura os senhores de escravos, os feitores, os capelães, o pároco e o prelado maior pelo insucesso na conversão: se o gentio vem a morrer sem converter-se ao cristianismo, a culpa é antes dos que, cristãos, possuem a responsabilidade de fazê-lo. Acrescenta que o batismo, aliás, só deve ser realizado após o ensinamento da fé cristã ter se concretizado. Por fim, lembra da importância do ensino da doutrina às meninas, sobretudo aquelas que não pertencem ao vulgo, que, muitas vezes, parecem mais preocupadas com vaidades terrenas do que com a salvação eterna. Finaliza, em tom de censura, com um relato de sua experiência pessoal enquanto pregador:

E o certo é, falando de mais perto, que na nossa terra fiz eu algumas doutrinas domésticas em casas de portadas bem altas, e experimentei que tão necessária é a doutrina Cristã nos Paços, como nas praças, e nos estrados, como nas estradas (VIEIRA, 2015, pp. 148-149).

São quatro os pontos principais articulados por Vieira por meio do exemplo de Xavier: 1. a importância da língua e da adequação discursiva ao catecismo; 2. a prioridade no ensino da doutrina aos meninos; 3. a responsabilidade dos senhores pelas catequizações dos escravos; 4. a prioridade do ensino da doutrina às meninas. Todos esses pontos são centrais no “modo de proceder” jesuíta. Quer dizer, o panegírico a Xavier não serve como adulação, na contemplação estéril, do elogiado. Pelo contrário, a *voluntas* do orador, vê-se, é persuadir os ouvintes, pelo exemplo de Xavier, a empenharem-se no ensino da doutrina cristã, sobretudo aos meninos, meninas e escravos, preceitos jesuítas já ressaltados nas *Constituições* (1997), de Santo Inácio. Exemplo a ser seguido, Xavier, porque expressa a santidade não como contemplação paralisante, o *raptus*, mas como disposição militante jesuíta da contemplação na ação.

Como se buscou demonstrar, a leitura de um discurso inserido na instituição retórica deve atentar às diferentes técnicas retóricas empregadas pelo elaborador do discurso que, concatenadas, vinculam disposições interna e externa (*voluntas*). Em se tratando de um panegírico, espécie do gênero epidíctico, a *voluntas* do orador em um sentido mais imediato, reside no elogio a São Francisco Xavier. Em um segundo sentido, mais decisivo, implica a crítica às heresias iniciadas no século XVI com o calvinismo e o luteranismo e o elogio à Companhia de Jesus e ao seu trabalho combativo e missionário, alegorizado na figura de Xavier.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulos, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e Idade Média latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Loyola, 1997a.

HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Barroco, neobarroco e outras ruínas. **Teresa (USP)**. São Paulo, v. 2, 2001, p. 10-66.

_____. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

MENDES, Margarida Vieira. **A oratória barroca de Vieira**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Unisinos; Bauru: Edusc, 2004.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp, 2008.

QUINTILIANO. **Instituição oratória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. 4 v.

VERÍSSIMO, Nelson. "Introdução". In: VIEIRA, António. **Obra Completa Padre António Vieira: tomo II parenética, volume XII: Sermões de São Francisco Xavier**. São Paulo: Loyola, 2015.

VIEIRA, Antônio. **Xavier dormindo, e Xavier acordado [...]**. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1694.

_____. **Obra Completa Padre António Vieira: tomo II parenética, volume XII: Sermões de São Francisco Xavier**. São Paulo: Loyola, 2015.

Recebido em setembro de 2017.

Aprovado em outubro de 2017.